

# DA CONSCIÊNCIA MÍTICA AO USO DO DATASHOW: UMA INTERAÇÃO RESPEITOSA ENTRE UM ESTUDANTE COM ESQUIZOFRENIA E SEUS COLEGAS EM SALA DE AULA

*The mythical pictures projector the use of consciousness: a respectful interaction between a student with schizophrenia and colleagues in the classroom.*

Jufran Alves Tomaz<sup>1</sup>  
1. jufranalves@gmail.com

## Resumo

Este trabalho focaliza a temática do mito no contar e recontar de histórias em sala de aula, no 5º Ano do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Clidenor Lima, Arez – RN; por um estudante portador de esquizofrenia, doença que se caracteriza pela perda do contato com a realidade. É possível fazer diversas leituras do seu discurso, dos textos literários narrados por ele e sua representação “ilusória” e “subjetiva” do real, onde passado e o presente se atualizam, de forma que a incerteza do futuro não se torna caótica mas revela um campo de conhecimentos que preveja ações de seres sobre-humanos (super-heróis), engendrando a ordem atual do mundo daqueles que neles acreditam. Os fundamentos para analisar tal prática educativa são oriundos dos pensadores LEVY-STRAUSS (1970,1978), FOUCOULT (1926-1984) e DELEUZE (1925-1995), que realizaram grande reflexão e atualização sobre o mito e seu significado, sobre a loucura e seu diagnóstico na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Mito, DataShow, Esquizofrenia.

## Abstract

*This paper focuses on the theme of myth in the telling and retelling of stories in the classroom, in the 5th year of elementary school, at the Municipal School Clidenor Lima, Arez - RN; by a carrier student schizophrenia, a disease that is characterized by loss of contact with reality. It is possible to take multiple readings of his speech, literary texts narrated by him and his representation "illusory" and "subjective" real, where past and present are updated, so that the uncertainty of the future does not become chaotic but reveals field of knowledge providing beings actions superhuman (superheroes), engendering the current order in the world of those who believe in them. The fundamentals to analyze this educational practice come from the LEVY-STRAUSS thinkers (1970.1978), FOUCOULT (1926-1984) and Deleuze (1925-1995), who performed great reflection and updating of the myth and its meaning, about madness and its diagnosis in contemporary society.*

*Keywords: Myth, pictures projector, Schizophrenia.*

## Introdução

Nesse texto, procuramos apresentar algumas noções da utilização da tecnologia e suas categorias, em especial, o uso do “datashow” por um estudante portador de esquizofrenia no contar e recontar histórias, que no âmbito da “Educação Básica” podem ser úteis em sua ação de aprendizagem e através da qual podem vir a contribuir com o fazer pedagógico de professores e ou pesquisadores sobre a utilização das tecnologias em sala de aula.

As tecnologias fazem parte do nosso dia a dia, trazendo novas formas de pensar, sentir e agir, mas, ao mesmo tempo, parece nos encher de temor. Atuar em sala de aula já nas primeiras séries do Ensino Fundamental, com estudantes portadores de esquizofrenia, é nosso principal objetivo e nos faz, enquanto professores, discutir nossa prática pedagógica e nos despir de qualquer “preconceito” e temor que venha querer dominar o potencial educativo do uso de tecnologias e coloca-las a serviço do desenvolvimento de um projeto pedagógico – o contar e recontar histórias, que vise à construção da autonomia desse educando, seus colegas e à formação de professores para o exercício pleno da cidadania.

Também tem ganhado amplitude e legitimidade a temática voltada para a inclusão nas escolas brasileiras de alunos portadores de necessidades especiais e até doença mental terem acesso ao aprendizado específico, suas potencialidades criativas estimuladas e senso crítico. Ainda nesse estudo, apontaremos o uso do “datashow” como instrumento de promoção ou viabilização da imaginação e promoção da criatividade, sob diversas abordagens teóricas que valorize e encoraje o desenvolvimento dessa prática essencial ao desenvolvimento desse aluno com esquizofrenia, seus colegas e professores.

Assim, partindo do pensamento de LEVY-STRAUSS (1908-2009), sobre os pressupostos necessários para compreensão do imaginário sociodiscursivo e discurso midiático através do mito e seu significado, o pensar sobre a loucura na sociedade contemporânea em FOUCAULT (1926-1984) e atualização e maior reflexão sobre tal temática, por DELEUZE (1925-1995), entre outros, é que organizaremos uma compreensão sobre a história contada em sala de aula por esse estudante, que aqui o chamaremos de “Dom Quixote” (uma referência ao personagem do livro de Miguel de Cervantes Saavedra), fidalgo de La Mancha, que ao ler livros com narrativas de cavalaria, devido a extrema dedicação às mesmas, passa da razão ao desatino, ao mito.

“É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu de todo o exercício da caça, e até da administração dos seus bens... Quando chegava a ler aqueles requebros e cartas de desafio, onde em muitas partes estava escrito: a razão da sem-razão que à minha razão se faz, de tal maneira a minha razão enfraquece, que com razão me queixo da vossa formosura...” (SAAVEDRA, 2003, p. 31).

Segundo Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), havia um componente utópico na visão de Dom Quixote, personagem de sua obra, que trocava o interesse próprio pelos os dos indivíduos, portanto, seu desejo natural de melhorar as condições da existência, do bem-estar coletivo. Nesse sentido, não é diferente com o nosso estudante com esquizofrenia. O bem-estar, a inclusão desse aluno na Escola Municipal Clidenor Lima, Arez – RN, faz parte de uma intenção social, humana e que se consolida no mérito de potencializar suas capacidades supostamente naturais (transtornos mentais complexos) e inseri-lo no contexto escolar.

A opção metodológica passa pelo caminho da pesquisa bibliográfica, com observação simples (definindo os sujeitos, o cenário e o comportamento social) e método comparativo – consistindo no estudo das semelhanças e diferenças entre diversos grupos, sociedades, classes sociais ou povos, com a finalidade de compreender o comportamento humano e explicar similitudes e divergências.

## Histórias contadas e recontadas

Contar histórias na “Educação Básica”, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, é um tema de interesse da maioria dos professores, ou pelo menos, deveria ser. Falar sobre as grandes invenções, a arte, os criador(es) da humanidade, as descobertas

científicas e a literatura é sempre muito envolvente para os alunos e professores, algo que nos enche de prazer.

Contar histórias, narrar aventuras e ler são duas coisas bem diferentes. Refletir sobre as formas de expressar o mundo dos estudantes na contemporaneidade e o significado através do ato de contar histórias, torna-se indispensável para reintegrá-las de forma dinâmica e criativa no cotidiano escolar. Diante da importância do ato de ler, fica bem claro que o papel de muitas escolas, é limitado apenas, o de formar alunos leitores. Mas como se forma um aluno leitor sem que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos? Dentre esses elementos, destaca-se não só a oralidade/manifestação verbal, como também a interação (ou atuação) desse processo de aprendizagem, de acordo com práticas socioculturais – a experiência de narrar, atividade que vai além da simples contação.

É nesse contexto, que nos deparamos com “Dom Quixote” – estudante com 12 (doze) anos de idade, portador (que carrega consigo) de esquizofrenia e narrador de aventuras, no 5º Ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Clidenor Lima, Arez – RN. Um aluno criativo, com um grande potencial para narrar histórias relacionadas a fatos populares e infantis, com ênfase nas narrativas de aventuras. De acordo com LEVI-STRAUSS (1978, p. 08):

“As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás desta desordem aparente – e era tudo. Não afirmo que haja conclusões a tirar de todo esse material”

Mas o que provoca a curiosidade e dá origem as narrativas de aventuras, de super-heróis como: Homem-Aranha, Superman, Thor, “amigos e inimigos imaginários”, dentre outros nas crianças? Quais os sentidos em se permitir desvendar quem é o vilão da história? Essas atividades realizadas de leituras, narrações e criação de histórias, muitas vezes, não seguem uma ordem sequencial nas proezas heróicas dedicadas aos atos em prol do interesse público dos alunos que a ouvem; fogem, escapam ao controle de quem as contam e modificam. Mas é ele – “Dom Quixote”, que modifica a vida dos envolvidos naquele drama, do professor, dos seus pais, dos vizinhos, dos colegas em sala de aula e dos ouvintes-leitores que vierem de longe atraídos pelas narrativas míticas contadas por nosso personagem, pelo acontecido nesse texto. É inexplicável, incrível, inédito o modo como as pessoas portadoras de esquizofrenia conseguem alterar a vida, os fatos, a história. Como aponta ABRAMOVICH (1994, p. 121):

“...Bruxinhas que são boas ou gigantes comilões não significam – nem remotamente – que ela seja um conto de fadas... Muito pelo contrário. Tomar emprestado o nome de personagens-chaves desses contos não faz com que essas histórias adquiram sua dimensão simbólica... A magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas...”

A esse respeito, “Dom Quixote” concebe a produção múltipla no contar de histórias, em seu discurso, ao revelar nas narrativas, o mito ou representação “ilusória” e “subjativa” do real; não deixando porém, de se constituir numa metáfora da vida terrena, compreendida como exterior as tramas ou narrativas já recontadas, fruto de uma mente dominada por um delírio paranoide relativamente bem organizado ou por vezes ideias delirantes, pensamentos irrealis, “*ideias individuais do paciente que não são partilhadas por um grande grupo*”, como, por exemplo, um indivíduo que acha que está a ser perseguido pelo vilão da história que ele mesmo narra e acha que é o responsável pelas guerras do mundo.

As narrativas míticas são as mais diversas, de situações eventuais até as mais premeditadas pelos seres sobrenaturais. “O mito conta uma história simultaneamente divina e humana, dramatizado por seres sobrenaturais; diz respeito a um acontecimento passado, mas seu valor reside no fato de que estes acontecimentos passados formam uma estrutura permanente que

explica o presente e o futuro. O mito narra eventos específicos de um dado grupo, uma dada família, uma dada linhagem ou clã e tenta explicar o seu destino, seja desgraçado ou triunfal; ou ainda justificar seus direitos, deveres e privilégios” (LEVY-STRAUSS, 1970,1978).

Percebemos as noções definidas por nosso aluno, quando começam a serem pautadas por explicações sobre as coisas terrenas, a vida, distanciando-se ao longo das narrativas da realidade real e aproximando-se das explicações míticas. Tudo começa a ser pensado sob a ótica mítica, cujos super-heróis passam a serem os principais protagonistas de epopéias quase intermináveis à semelhança da *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero.

Assim é que, para darmos um norte ou controle sobre o início, meio e fim a respeito do contar e recontar dessas história por nosso “Dom Quixote”, em sala de aula, optamos por utilizarmos o datashow como instrumento de aperfeiçoamento permanente, cujo controle por parte do professor e alunos, facilita ao virar cada slide ou dando sinais para que o aluno mude a fala durante a “continuidade da história”, obedeça as observações recomendadas. De certa forma podemos dizer que “Dom Quixote” passa a ser um narrador ordeiro de sua história, um guardião de seu texto. Em outras palavras, ele em interação com seu professor consegue ultrapassar a linha tênue do confinamento da mente (semelhante a saída de Teseu do labirinto guardado pelo minotauro e descrito pelo autor romano Ovídio), uma elaborada construção erguida como lugar da atividade psíquica, considerada na sua totalidade, englobando operações conscientes e não conscientes, entre eles as emoções e os sentimentos. Portanto, a mente é algo imaterial, invisível e não palpável. Conforme nos explica DELEUZE (1992, p. 211), “É preciso escapar aos controles, os atuais e os que virão. Os movimentos artísticos e revolucionários buscam inventar esses novos espaços-tempos”.

Usamos essa estratégia do datashow como um vislumbre midiático, ao associarmos imagem, som, texto; considerando as potencialidades dos estudantes para produzir, criar, mostrar, manter, atualizar, processar, ordenar dinâmicas variadas e complexas entre parte (história) e todo (narrativa). Tudo isso, se revelou na relação entre “Dom Quixote” e seus colegas em sala de aula como “convivência” marcada de tensões - físicas e psicológicas. Físicas, ao ser comparado como os demais colegas – iguais na estrutura humana; na psicológica, diferentes no contexto, já que o personagem supracitado é um aluno com doença mental ou esquizofrenia.

Assim, é possível perceber que a sala de aula, com todas as tensões é o lugar possível para o qual “Dom Quixote” pode fugir do ambiente doméstico e elaborar pensamentos sobre a sua situação enquanto cidadão (com direitos civis e políticos garantidos, ainda que sob a curatela dos pais). Na escola, ele procura por pessoas para lhe ouvir e lhe orientar. Dom Quixote, dos narradores de histórias em sala de aula, é a pessoa que mais se refere à esfera doméstica, falando dos conflitos que tem em casa, conflitos que o deixam ainda mais confuso. A esfera da família é o problema e a solução para “Dom Quixote”. É o problema, porque ele vê a família como propulsora dos impedimentos que tem na vida e da sua solidão, já que depois de impedi-lo de expressar-se, os pais tentam mantê-lo sob uma redoma de proteção, se preocupando com ele apenas como um ser humano que precisa de cuidados, ser integrado em sociedade. A solução, porque “Dom Quixote” ainda tem a concepção de escola como um lugar do abrigo e do cuidado, desejando dessa maneira ser incluído nas diversas atividades, seja através de brincadeiras, no momento de contar histórias, ou nos traços que faz com o rosto, logo que lhe é solicitado para recontar algo sobre seu dia para toda turma de colegas. Como nos aponta DELEUZE (1993, p. 33):

“O rosto não é um invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente. A forma do significante na linguagem, suas próprias unidades continuariam indeterminadas se o eventual ouvinte não guiasse suas escolhas pelo rosto daquele que fala (“veja, ele parece irritado...”, “ele não poderia ter dito isso...”, “você vê meu rosto quando eu converso com você...”, “olhe bem para mim...”).”

Para seu melhor entendimento, os traços no rosto de “Dom Quixote” são meios importantes para perceber a sua relação com a família, a sala de aula como um lugar que ele deseja e também um lugar possível de liberdade. A partir de suas narrativas, é possível visualizar como ele relaciona os conflitos domésticos, os problemas da vida às coisas da esfera da escola, como o movimento, o clima, as pessoas que ali trabalham e os lugares. Dom Quixote, em

diversas ocasiões, se refere aos super-heróis de suas histórias afirmando que eles iam para a sua casa para ver as coisas acontecerem; em outras palavras, para se inspirarem, já que sua inspiração vinha de tudo que lhe rodeava, lugares, pessoas, acontecimentos e, sobretudo, a sala de aula.

Na escrita do projeto de “contação de histórias” vemos como os professores e alunos se portaram como spect-atores, como narraram com distância naturalizada o que eles mesmos viveram, como se no momento da ação afastassem-se uns dos outros e observassem a situação, a ponto de se observarem observando. A partir daí começaram a buscarem a escrita de um trabalho que pudesse envolver estudantes, o leitor potencial, como se eles pudessem fazerem parte da cena, aceitando o que é proposto como passível de sentidos. É preciso que os sentimentos em jogo sejam expostos para que os participantes dessa ação e o leitor desse trabalho possam apreendê-los e entender o valor dado às situações no espaço de aprendizagem. Um bom exemplo para essa discussão é o comentário de FOUCAULT (2011, p. 09):

“Em todos os lados, a loucura fascina o homem. As imagens fantásticas que ela faz surgir não são aparências fugidias que logo desaparecem da superfície das coisas. Por um estranho paradoxo, aquilo que nasce do mais singular delírio já estava oculto, como um segredo, como uma inacessível verdade, nas entranhas da terra.”

A esquizofrenia é resultado de doença mental, quando classificada no Cadastro Internacional de Doenças - **CID 10 - F20**, como ocorre com o nosso “DOM Quixote”, talvez o transtorno mental de maior comprometimento ao longo da vida; caracteriza-se essencialmente por uma fragmentação da estrutura básica dos processos de pensamento, acompanhada pela dificuldade em estabelecer a distinção entre experiências internas e externas. Embora primariamente uma doença orgânica neuropsiquiátrica que afeta os processos cognitivos, seus efeitos repercutem também no comportamento e nas emoções. Após descrever de forma resumida o significado da esquizofrenia, apontamos que um trabalho continuado como este, em que se dá sequência às reflexões sobre um mesmo tema, com o campo em uma mesma localidade – a sala de aula, é necessário conectar o que vem sendo feito com o que já foi feito na Escola Municipal Clidenor Lima, Arez - RN. A primeira conexão que quero trazer à tona é a forma de observação simples, cuja técnica não prescinde de planejamento cuidadoso da pesquisa, e é bastante adequada para casos como esse explicitado, em que os fatos são de conhecimento público. Aqui demosntramos os participantes da pesquisa (estudantes de uma escola pública), aonde os participantes da pesquisa se encontram ( Escola municipal Clidenor Lima – Turma “A” do 5º Ano do Ensino Fundamental I), e a comparação sobre o que realmente ocorre em termos de comportamentos sociais nesse local ( a relação dos estudantes em sala de aula). No trabalho desenvolvido o objetivo, a intenção era entender como se davam as relações entre o esquizofrenico e os outros alunos em sala de aula, a fim de alcançar como o esquizofrenico ganhava um status de pessoa reconhecida – lembrado como parte do contexto educativo local, como pessoa que conta e reconta histórias de aventuras, de super-heróis, de figuras populares que fazem parte do imaginário dele e ou constitui-se parte da memória infantil dos demais colegas de escola – ao mesmo tempo em que era estigmatizado pelo seu comportamento muitas vezes. Para isso, utilizamos muitas gravações dessas histórias contadas pelo “Dom Quixote” aos outros estudantes durante os percursos das aulas, deixando para o gravador a tarefa de captar todas as falas, visto que nós não compreendíamos uma grande parte do que era falado pelos interlocutor(es) no momento exato da interação. “Daí a importância estratégica que hoje assume uma escola capaz de um uso criativo e crítico dos meios de comunicação de massa e das tecnologias da informática” (MARTIN-BARBERO, 1999, p. 40).

As novas tecnologias aplicadas no contexto de sala de aula têm aumentado, por exemplo, a dinâmica das possibilidades na “contação de histórias” por meio do uso de datashow. Além disso, contribuem para que mais estudantes possam ter acesso às informações sobre narrativas de aventuras e possam opinar sobre o mundo à sua volta.

Sempre que surge uma nova tecnologia, muitos professores ficam apreensivos quanto às possibilidades de mudanças que poderão ser produzidas. Tem sempre gente contra e gente a favor. Percebemos que a introdução de qualquer tecnologia, está ligada ao clamor acerca do perigo possível em sua utilização. Uma das grandes vantagens em utilizarmos o datashow, é a

maior interação com os estudantes que acontece via construção dos slides em programa específico de Microsoft PowerPoint, criando apresentações em laboratório de informática na própria instituição escolar. O computador, por exemplo, é um dos veículos tecnológicos que mais abre espaço à interatividade com seu público.

“Esta polêmica sobre a utilização de novos instrumentos e tecnologias surge no mínimo com a introdução das primeiras máquinas industriais” (FASCIANI, 1998, p. 120). Esse autor está se referindo ao início da chamada revolução industrial, no século XIX, em que muita gente ajudou a quebrar as máquinas recém-instaladas nas indústrias, alegando que elas tomavam os empregos dos trabalhadores. Hoje, sabemos que as máquinas tiram empregos por um lado, mas criam por outro.

Nessa perspectiva, esperamos, primeiramente, que os professores em pleno século XXI, sejam capazes de perceberem o papel das tecnologias no contexto das salas de aula, nos setores da cultura contemporânea e de situar as propostas pedagógicas das escolas, de ensino-aprendizagem, identificando as novas linguagens e ajudando na formação do sujeito ético e cidadão do mundo.

## Considerações finais

O contar e recontar histórias por um esquizofrênico.

O contar e recontar histórias por um aluno portador de esquizofrenia em uma sala de aula no Ensino Fundamental I, é o ponto central de onde partiremos para amarrar algumas reflexões e tecermos as considerações finais. Por um lado, podemos observar o contar histórias como uma atividade mítica, de socialidade diferenciada onde o indivíduo encontra-se em relação aos demais colegas, a escola, em movimento subsumido numa prática educativa, como pontuou FOUCOULT (1926-1984), ao criticar aspectos sociais de instituições (inclusive a escola) e os comportamentos que antes eram vistos como naturais e necessários (como a exclusão de crianças portadoras de doenças ou necessidades educacionais diversas). Por outro lado, ela - a escola, se revela como um lugar de encontro quando o estudante aqui em estudo, bem como o professor optam por observarem os deslocamentos dos atores sociais, efetivando mudanças que partem “da consciência mítica ao uso do datashow”; como oportunidades de ensino-aprendizagem entre os envolvidos nesse projeto pedagógico (dando sentido ao discurso/linguagem desses atores), livrando-os da exclusão e limitações ainda exercidas em muitas escolas brasileiras.

Como propôs FOUCOULT (1997) a relação de poder estabelecida não é constituída de suplícios e violência corporal, ocorridos no âmbito de determinadas instituições como asilo, o hospital, o quartel, a prisão, a escola, mas um poder de disciplinamento que produz corpos úteis e dóceis. Tais práticas teimam em quererem persistirem nas instituições públicas, no seio das famílias como um poder disciplinar vinculado à filhos, estudantes com comportamentos diferenciados dos ditos normais.

Este trabalho durou quase um ano, tinha como prioridade sobre qualquer outro, porque queríamos incluí-lo nos anais acadêmicos, servindo de reflexão nas formações de professores integrando uma linha de estudos que ofereça uma compreensão das iniciativas do uso de tecnologias – aqui especificado como o uso do “Datashow”, distinguindo em que medida as narrativas realizadas por um estudante com doença mental – esquizofrenia, se relacionam com o que está sendo produzido em sala de aula, numa escola municipal no interior do Estado do Rio Grande do Norte. Importa-nos, também, reconhecer o papel da família desse aluno, personagem denominado nesse texto de “Dom Quixote”; sem o apoio e estrutura familiar, o esforço de professores, pesquisadores, colegas de sala de aula não seria possível.

As teorias de Deleuze, Levy-Strauss, Foucault entre outros, nos propiciou fazer uma travessia teórica no contar e recontar histórias por um aluno esquizofrênico em sala de aula. A cada análise das narrativas de aventuras dos seus “heróis”, apreciamos no contexto do espaço escolar um variado mundo de pontos de vista, em que ora experimentávamos os conceitos abordados por um e outro pensador supracitado, noutros momentos se afastavam por apresentarem conceitos diferentes, mas que, num aprofundamento mais detalhado, acabavam por completarem-se uns aos outros. Em nosso estudo, tentamos aproximar alguns conceitos de Foucault ao conteúdo do

mito e seu significado proposto por Levy-Strauss. Abordamos a ficção existente nas narrativas contadas e recontadas de “Dom Quixote” e a realidade vivenciada em uma sala de aula, a historicidade das aventuras contadas; desmistificando o que é virtualidades, criação proveniente dos delírios provocados pela esquizofrenia, a loucura vivida no processo de restituir a inclusão desse estudante plenamente, entre diversas coisas, de garantir a positividade das diferenças, efetuando uma inversão lógica e ética na qual as diferenças em sala de aula, em casa, na sociedade, afirmem a alteridade e não a loucura.

A esse respeito, MORIN (2005, p. 27), ao referir-se a origem atual do homem, destaca que a razão e mito se entrelaçam numa teia de pertencimento de um com o outro, no qual:

“Incluo-me entre aqueles que acreditam na profundidade antropossocial do mito, ou seja, em sua realidade. Acrescento a isso que, entre o homo sapiens e o homo demens, ou entre a loucura e a sabedoria, não existe fronteira nítida. Não se sabe quando se passa de uma para outra, e isso porque sempre há responsabilidades; por exemplo, uma vida racional pode ser pura loucura. Uma vida que se ocuparia unicamente em economizar seu tempo, a não sair quando faz mau tempo, a querer viver o máximo possível e, portanto, não cometer excessos alimentares e amorosos. Levar a razão a seus limites máximos conduz ao delírio.”

Essa citação nos indica um fator importante de como podemos transitar da consciência mítica à vida real. Assim o uso de slides feitos em computadores, para apresentação em datashow (figuras, fotos, músicas, etc) como feedback nos momentos de “contação” de histórias passam a serem recursos didáticos à disposição do professor e alunos e na aquisição do ensino-aprendizagem. Desse modo, o emprego do datashow ajuda-nos a identificar quem são estudantes e professores, ou a demonstrar que não existe diferença ou padrão hierárquico nessa relação.

Diante dessa realidade, atender essa diversidade de narrativas e contextos do estudante com esquizofrenia em uma sala de aula, aplicar o que há de significativo extraído dessas histórias para a vivência e prática escolar, requer envolvimento de todos os envolvidos com ele, do “pensar como”, ao “saber-fazer” tantas vezes citado por FREIRE (1996). Educação e diversidade, inclusão, uso de novas tecnologias – o datashow; são práticas recentes e em constantes mudanças, e passam, necessariamente, pela relevância dada nos cursos de formação de professores. Assim, é possível em nossos dias, modificar nossa práxis pedagógica em busca de uma escola: eficaz, significativa para todos – alunos, família, sociedade, através dos conceitos de sociabilidade, humanidade, formação profissional na era do conhecimento e novas tecnologias.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS).

FASCIANI, Roberto. Novas tecnologias informáticas, mass media e relações afetivas. In: PEIOSO, Ângelo. Informática e afetividade. Bauru (SP), Edusc, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. In: <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/09/tratamento-de-individuos-com-transtornos-mentais-em-disputa.html>

\_\_\_\_\_. Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982). Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEVY-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1978.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In *Mediatamente! Televisão, cultura e educação – Revista da Secretaria de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SAAVEDRA, Miguel de cervantes. Dom Quixote de la Mancha. Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo & Notas Traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues. São paulo: Nova Cultural, 2003.